LETRAMENTO DIGITAL E FERRAMENTAS COMUNICACIONAIS: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL SOCIAL DO EDUCOMUNICADOR NO AMBIENTE ESCOLAR EM PARINTINS - AMAZONAS

Isaías Dos Santos da Cunha [1]
Adelson Florêncio de Barros[2]

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender o letramento digital e a importância das ferramentas comunicacionais em um ambiente escolar no município de Parintins – AM, bem como o papel do educomunicador nesse processo a partir dos estudos da educomunicação. Nesse sentido, o letramento digital é discutido como uma prática social complexa que vai além da utilização das tecnologias, envolvendo habilidades críticas, cognitivas e comunicativas que são essenciais para uma participação ativa na cultura digital atual. Justifica-se o estudo ao considerar a relevância do papel das ferramentas de comunicação como dispositivos sociotécnicos que impactam a construção de significados, as formas de interação e a estrutura das dinâmicas pedagógicas no espaço escolar. Destaca-se, ainda, a importância do educomunicador como agente formador dessas interações, especialmente na região amazônica, que possui características culturais, sociais e estruturais específicas que exigem abordagens pedagógicas adaptadas e condi-

[1] - Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

[2] - Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

zentes com as realidades locais. Destacamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, seguida de abordagem teórico-analítica. Como referencial, destacamos Buckingham (2010); Castells (1999); Kaplún (1998); Lévy (1999); Martín-Barbero (2014); Rojo (2012); Soares (2011a); Soares (2002) e Moran (2013). A título de considerações sobre o estudo, verifica-se que educomunicador tem um papel crucial na promoção de uma educação que seja dialógica, ética, responsável, inclusiva e apropriada para as exigências da era digital no ambiente escolar e para além dele.

Palavras-chave

Letramento digital; Educomunicação; Ferramentas de comunicação; Mediação pedagógica; Parintins-AM.

ABSTRACT

The objective of this article is to understand digital literacy and the importance of communication tools in a school environment in the municipality of Parintins – AM, as well as the role of the educommunicator in this process, based on educommunication studies. In this sense, digital literacy is discussed as a complex social practice that goes beyond the use of technologies, involving critical, cognitive, and communicative skills that are essential for active participation in the current digital culture. The study is justified by considering the relevance of the role of communication tools as socio-technical devices that impact the construction of meanings, forms of interaction, and the structure of pedagogical dynamics in the school space. The importance of the educommunicator as a formative agent of these interactions is also highlighted, especially in the Amazon region, which has specific cultural, social, and structural characteristics that require adapted pedagogical approaches consistent with local realities. The methodological procedure used was bibliographic research, followed by a theoretical-analytical approach. As a reference, we highlight Buckingham (2010); Castells (1999); Kaplún (1998); Lévy (1999); Martín-Barbero (2014); Rojo (2012); Soares (2011a); Soares (2002) and Moran (2013). In conclusion, this study shows that educommunicators play a crucial role in promoting an

education that is dialogical, ethical, responsible, inclusive, and appropriate for the demands of the digital age, both within and beyond the school environment.

Keywords
Digital literacy; Educommunication; Communication tools; Pedagogical mediation; Parintins-AM.

Introdução

As transformações sociais e culturais provocadas pelo avanço das tecnologias digitais têm impactado profundamente as formas de comunicação, de acesso à informação e, consequentemente, os modos de ensino e aprendizagem nos espaços formais e não formais. No contexto educacional, tais mudanças colocam em evidência a necessidade de repensar práticas pedagógicas, linguagens e relações estabelecidas no ambiente escolar. Mais do que incorporar tecnologias, trata-se de compreender como elas reconfiguram a produção de sentidos e as interações entre os sujeitos.

O debate em torno do letramento digital parte de um âmbito teórico que é intricadamente rico e variado, que abrange várias áreas do conhecimento, como linguística, ensino, tecnologia, cultura e política. A perspectiva do letramento digital não deve ser compreendida apenas como a habilidade prática de manusear tecnologias, mas traz uma abordagem que engloba as perspectivas das práticas sociais mediadas por dispositivos digitais, bem como a maneira como os sujeitos criam, interpretam e disseminam significados na era atual.

Nesse cenário, a definição de letramento sugerida por Soares (2002) se torna fundamental para entender essa área. Ao distinguir entre alfabetização e letramento, a autora destaca que o processo de aprender a ler e escrever vai além de apenas adquirir habilidades técnicas, envolvendo a participação do sujeito em práticas sociais que utilizam a linguagem escrita de forma significativa. Essa perspectiva ressalta a importância da utilização social da linguagem e amplia a concepção de letramento como uma prática cultural dentro de um contexto específico.

Nesse cenário, podemos destacar que o letramento digital ganha destaque como uma dimensão fundamental da formação contemporânea. Não se trata apenas de saber utilizar ferramentas tecnológicas, mas de desenvolver a capaci-

dade de interpretar, produzir e circular informações de forma crítica e consciente em ambientes digitais. Essa perspectiva pode ampliar o entendimento do que é a educação, tendo em vista sua aproximação das práticas sociais que caracterizam a cultura digital.

A partir disso, ao mesmo tempo em que as ferramentas comunicacionais passam a ocupar um papel central no processo educativo, elas deixam de ser vistas apenas como instrumentos de apoio e passam a ser compreendidas como espaços de interação, produção de conhecimento e construção de significados. Nesse sentido, seu uso na escola exige uma abordagem que considere não apenas suas funcionalidades técnicas, mas também suas implicações sociais, culturais e políticas.

É a partir dessa perspectiva que se insere a atuação do educomunicador, compreendido como um agente que atua na mediação entre educação e comunicação. Seu papel envolve a criação de ambientes de aprendizagem mais participativos, dialógicos e críticos, em que os estudantes possam não apenas consumir os conteúdos das redes sociais, mas também produzir e refletir sobre as informações que circulam em diferentes contextos na atuação digital.

Ao situar essa discussão no contexto de Parintins-AM, o debate ganha novas camadas de complexidade, dada a realidade amazônica, marcada pela diversidade cultural, desafios estruturais e especificidades socioterritoriais que as práticas educativas sejam pensadas de forma contextualizadas. Assim, essa integração entre saberes locais e tecnologias digitais se apresenta como um desafio, bem como uma possibilidade relevante na construção de uma educação mais significativa.

Diante disso, o presente texto tem como objetivo compreender o letramento digital e o uso de ferramentas comunicacionais no contexto escolar de Parintins-AM, por meio de reflexões sobre o papel do educomunicador como mediador dos processos educativos, bem como de que maneira os meios educomunicacionais se articulam na contemporaneidade, destacando as potencialidades e seus desafios.

O presente estudo se caracteriza como pesquisa bibliográfica de caráter teórico-analítico. Dessa forma, seu está localizado no domínio teórico, centrando-se na reflexão sobre o papel do educomunicador como mediador do letramento digital e da mediação na utilização de ferramentas de comunicação no contexto escolar. Nesse sentido, a ideia de mediação é fundamental e dialoga com a visão de Freire (1996) ao verificar o processo educativo como uma prática dialógica e transformadora onde a pessoa participa de maneira crítica na construção do conhecimento.

Conceituando Educomunicação

A educomunicação se estabelece como um campo que une a educação e comunicação em processos que visam a promoção do diálogo, a participação e o desenvolvimento crítico das pessoas. Mais do que simplesmente incorporar tecnologias em sala de aula, a educomunicação sugere uma abordagem educativa baseada na interação, na escuta ativa e na democratização da comunicação dentro das instituições escolares ou em espaços informais e não formais. Nesse cenário, é reconhecido que ensinar e comunicar são práticas inseparáveis no processo de formação humana e social.

De acordo com Soares (2011a), a educomunicação pode ser definida como um conjunto de ações que buscam planejar, executar e avaliar as dinâmicas comunicativas nos contextos educacionais, favorecendo a criação de ecossistemas comunicativos que sejam democráticos. Para o autor, a comunicação deve transcender sua função como mero recurso auxiliar da educação e se transformar em um aspecto essencial das práticas pedagógicas, incentivando a iniciativa dos jovens, a participação coletiva e uma construção crítica do saber.

A discussão sobre educomunicação também se conecta diretamente com as ideias pedagógicas propostas por Freire (1996), especialmente no que diz respeito à educação dialógica. Embora Freire não utilize explicitamente o termo 'educomunicação', suas reflexões sobre diálogo, autonomia e consciência crítica destacam perspectivas teóricas relevantes para essa área. A partir do viés do autor, podemos destacar que a educação deve ir além da abordagem bancária do ensino, onde o estudante é visto apenas como um receptor passivo de informações, e, em vez disso, deve valorizar práticas educativas que sejam construídas na troca de saberes e participação ativa dos sujeitos.

Dessa maneira, a educomunicação se alinha à perspectiva freireana ao promover uma educação que estimule a expressão, a escuta e a análise crítica da realidade social, haja vista que o autor destaca que "o educador se torna, então, um mediador da curiosidade do educando, e não alguém que dá respostas prontas, mas alguém que instiga perguntas.". (Freire, 1996, p. 42). A comunicação é reconhecida como uma prática emancipadora, capaz de fortalecer a cidadania e expandir as oportunidades de participação dos estudantes em diversos espaços sociais e culturais.

Ademais, as mudanças trazidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) intensificaram a discussão sobre educomunicação no meio escolar.

O crescimento das redes sociais digitais, das plataformas de compartilhamento de conteúdos e das mídias interativas alterou de maneira significativa as abordagens de comunicação, aprendizado e produção de conhecimento. Nesse contexto, a escola deve não apenas facilitar o acesso às tecnologias, mas também promover o desenvolvimento de competências críticas para a utilização ética e consciente das mídias digitais.

Martín-Barbero (2014) ressalta que os processos de comunicação atuais não podem ser examinados apenas sob a ótica tecnológica, mas devem ser considerados principalmente nas mediações culturais que permeiam as relações sociais. O autor observa que as experiências culturais dos sujeitos afetam diretamente a maneira como eles interpretam, produzem e divulgam informações. Kaplún (1998) enfatiza que a comunicação educativa deve priorizar processos participativos, permitindo que compartilhem suas vivências, opiniões e experiências.

No cenário educacional brasileiro, a educomunicação tem sido reconhecida como uma estratégia vital para fortalecer práticas pedagógicas mais democráticas e participativas, especialmente diante das exigências da cultura digital contemporânea. A presença constante das mídias sociais na rotina de adolescentes e jovens evidencia a urgência de práticas educativas que promovam o pensamento crítico, a responsabilidade no compartilhamento de informações e a compreensão ética nas interações digitais.

Portanto, entender a educomunicação envolve reconhecer sua importância na formação de pessoas reflexivas, críticas, engajadas e cientes de seus direitos e deveres na sociedade. É um domínio que valoriza a comunicação como uma prática pedagógica que liberta, ao mesmo tempo que auxilia no fortalecimento da cidadania, da autonomia e da liderança dos estudantes em uma sociedade cada vez mais interligada pelas tecnologias digitais.

Atuação do educomunicador

O educomunicador é um profissional que realiza a mediação entre os setores da educação e da comunicação, implementando práticas que visam fomentar o diálogo, a participação e a formação crítica das pessoas em ambientes educacionais. Sua função vai além do simples uso das tecnologias e mídias, uma vez que envolve principalmente a mediação de processos comunicativos que favoreçam a expressão, a escuta e a democratização da informação em contextos escolares e sociais.

Soares (2011b) vem destacar que o educomunicador possui a responsabilidade de cultivar ecossistemas comunicativos que sejam abertos e democráticos, capazes de fortalecer as relações entre as pessoas e expandir a participação dos sujeitos nos processos educacionais. Segundo o autor, esse profissional desempenha um papel mediador nas práticas comunicacionais, promovendo o protagonismo dos estudantes e contribuindo para uma educação mais participativa e cidadã.

Nesse âmbito, a atuação do educomunicador não se limita apenas ao ambiente escolar. Suas ações podem se estender a diversos contextos sociais como projetos comunitários, organizações não governamentais, movimentos sociais, mídias educativas, ambientes digitais e instituições culturais. Isso se dá porque a educomunicação engloba a educação como uma prática social abrangente, que se faz presente em múltiplos contextos de interação humana.

Para Kaplún (1998), a comunicação educativa deve incentivar a participação ativa de estudantes, professores e toda comunidade escolar na construção do conhecimento. O autor argumenta que educar não se resume apenas à transmissão de informações, mas implica em estabelecer condições que permitam às pessoas dialogar, questionar e compartilhar suas experiências pessoais. Sob essa ótica, o educomunicador desempenha um papel crucial na valorização da escuta e na promoção de uma comunicação mais horizontal, favorecendo práticas educativas inclusivas e democráticas.

A atuação do educomunicador também está intimamente ligada às mudanças ocasionadas pelas tecnologias digitais e pelas redes sociais modernas. Com o aumento do uso de plataformas digitais por crianças, adolescentes e jovens, torna-se necessário criar intervenções educativas que incentivem o uso crítico, ético e responsável das mídias. Desta forma, o educomunicador assume uma função relevante no combate à desinformação, discursos de ódio, cyberbullying e à disseminação indiscriminada de conteúdo prejudicial no ambiente virtual.

Freire (1996) defende que a educação deve permitir que as pessoas tenham uma compreensão crítica da realidade em que estão inseridos. Embora Freire não se refira especificamente ao termo "educomunicador", suas contribuições teóricas ajudam a elucidar o papel deste profissional como agente de transformação social. A prática educomunicativa se alinha à pedagogia Freireana ao priorizar o diálogo, a participação e a construção coletiva do conhecimento como fundamentos essenciais do processo educativo.

Ademais, o educomunicador atua como uma ponte entre a escola, a mídia e a sociedade, auxiliando estudantes e professores a interpretarem criticamente as

informações divulgadas pelos meios de comunicação. Em uma realidade caracterizada pela rapidez na circulação de conteúdos digitais, esse profissional ajuda a desenvolver o letramento midiático e digital, incentivando a reflexão sobre os impactos sociais, culturais e emocionais das tecnologias na vida cotidiana.

Conforme ressaltado por Martín-Barbero (2014), os processos de comunicação são impactados por mediações culturais que moldam as maneiras de interação social. Nesse contexto, o educomunicador deve levar em conta as experiências culturais, os repertórios midiáticos e as vivências digitais dos estudantes, especialmente em cenários sociais variados, como nas realidades amazônicas, onde as tecnologias demonstram particularidades em seus modos de acesso, utilização e circulação da informação.

Assim, entendemos que a função do educomunicador se torna cada vez mais significativa diante dos desafios atuais relacionados à cultura digital. Seu papel ajuda a fortalecer práticas educacionais mais humanas, participativas e críticas, incentivando a formação de sujeitos capazes de utilizar as mídias e tecnologias de forma consciente, ética, responsável e transformadora.

A escola na cultura digital

A introdução das tecnologias digitais produziu uma mudança significativa nas maneiras de comunicação, interação e produção do conhecimento na sociedade atual. Nesse cenário, a escola enfrenta novos desafios relacionados à formação de protagonistas para a atuação de maneira crítica em uma realidade marcada pela rápida troca de informações e pelo uso contínuo das mídias digitais. Nesse sentido, a cultura digital não apenas transforma os métodos de aprendizagem, mas também altera as práticas pedagógicas, as relações sociais e as dinâmicas educativas dentro do ambiente escolar.

Conforme Lévy (1999), a cultura digital é definida pela ampliação das oportunidades de comunicação e pelo compartilhamento de conhecimentos em rede. O autor destaca que a cibercultura é "[...] o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço". (p.17). A partir disso, destaca-se que as tecnologias digitais favorecem a construção de uma inteligência coletiva, onde as pessoas participam ativamente na produção e disseminação de informações. Essa visão ajuda a entender que a escola, dentro desse contexto, deve criar prá-

ticas educativas que se compatibilizem com as novas formas de interação que existem na sociedade digital.

No âmbito educacional, essas mudanças se tornam ainda mais significativas, pois exigem que a escola supere os modelos tradicionais de ensino que se baseiam, muitas vezes, apenas na transmissão de conteúdos. Segundo Freire (1996), a educação deve incentivar a participação ativa na construção do conhecimento, valorizando o diálogo, a reflexão crítica e a autonomia. Sob essa perspectiva, a cultura digital proporciona oportunidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que são mais colaborativas, interativas e participativas, oportunizando ao estudante o papel de protagonista no processo de aprendizagem.

Nessa linha, o letramento digital se apresenta como um elemento crucial no contexto escolar atual. Mais do que apenas ensinar habilidades técnicas relacionadas ao uso de dispositivos tecnológicos, o letramento digital abrange a capacidade de analisar criticamente informações, produzir conteúdos de forma ética e entender os impactos sociais das tecnologias digitais. Soares (2002) destaca que o letramento se refere às práticas sociais de leitura e escrita dentro de contextos culturais específicos. Na perspectiva da autora "[...] não há um método para a aprendizagem inicial da língua escrita, há múltiplos métodos, pois a natureza de cada faceta determina certos procedimentos de ensino, além de as características de cada grupo de criança, e até de cada criança, exigir formas diferenciadas de ação pedagógica.". (p. 15). Dessa forma, o letramento digital pode ser interpretado como a apropriação crítica das práticas comunicacionais que são mediadas pelas tecnologias digitais.

A escola, portanto, assume um papel importante na formação de pessoas que saibam utilizar as tecnologias de forma consciente e responsável. Contudo, esse processo demanda uma reavaliação das práticas pedagógicas convencionais, adotando metodologias que promovam a colaboração, o protagonismo dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento. Moran (2013) argumenta que as tecnologias digitais aumentam as oportunidades de aprendizagem quando são utilizadas de forma integrada às práticas pedagógicas, possibilitando experiências educativas mais dinâmicas, interativas e significativas.

Nessa ótica, o educador/educomunicador desempenha um papel essencial como mediador da prática do letramento digital. O professor precisa ser um agente mediador não apenas no desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também na reflexão crítica sobre o uso das tecnologias, bem como suas consequências sociais, culturais e emocionais. Essa mediação é vital diante de fenômenos

contemporâneos, como a desinformação, o *cyberbullying*, o uso excessivo de redes sociais e a disseminação de discursos de ódio e racismo no ambiente digital.

De acordo com Martín-Barbero (2014), para uma real compreensão dos processos de comunicação na atualidade, é fundamental levar em conta as mediações culturais que permeiam as interações sociais. Assim, ao refletir sobre a escola na cultura digital, é essencial entender que os estudantes muito antes de ingressarem no espaço escolar já estavam imersos em práticas midiáticas e tecnológicas que moldam suas maneiras de aprender, se comunicar e formar identidades.

Ademais, em contextos particulares, como na Amazônia, os desafios associados à cultura digital tornam-se ainda mais intrincados. Aspectos como a disparidade no acesso à internet, restrições tecnológicas e variações socioculturais têm um impacto direto na incorporação das tecnologias no âmbito escolar. Portanto, é imprescindível desenvolver práticas educativas que sejam contextualizadas e que levem em consideração as experiências pessoais, locais e as particularidades sociais dos estudantes na região.

Diante disso, entender a escola na esfera digital implica reconhecer a urgência em estabelecer práticas pedagógicas que sejam mais críticas, humanas e inclusivas. A integração das tecnologias no processo educacional não deve se dar apenas de maneira técnica, mas sim, servir como uma oportunidade para fortalecer a autonomia, a cidadania e a formação crítica de estudantes diante das mudanças na sociedade contemporânea.

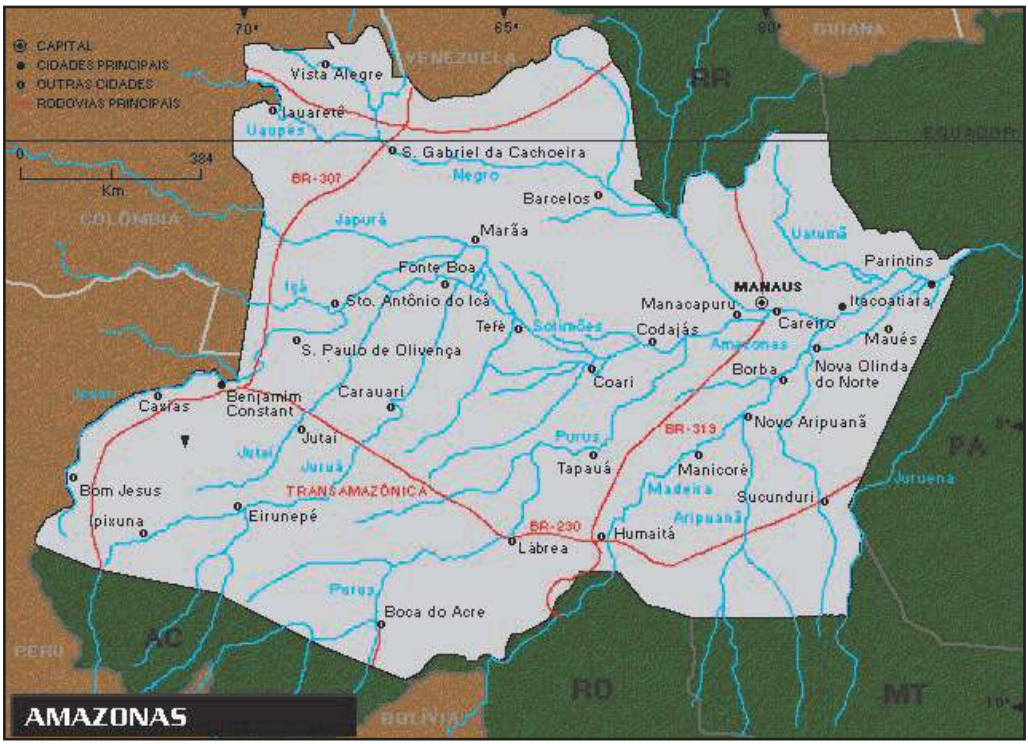
Parintins: território, cultura e contrastes entre o urbano e o rural

Localizada geograficamente na parte leste do Estado do Amazonas, a cidade se destaca como um dos maiores polos culturais da Amazônia brasileira. Situada às margens do rio Amazonas, na Ilha Tupinambarana, o município está a cerca de 369 quilômetros de Manaus em linha reta, apresentando uma dinâmica social, econômica e cultural que é profundamente moldada pelos rios, pelas comunidades tradicionais e pelas expressões populares que definem a identidade amazônica.

Segundo dados obtidos através do site do IBGE[3] a cidade possui a área territorial de 6.044,053km². A quantidade de habitantes é estimada em 101.855pessoas. Sua localização geográfica privilegiada favorece as interações comerciais

[3] Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/parintins.html. Acesso em 04/062026.

e culturais com outras cidades da região Norte, ajudando na formação de uma identidade local única, intimamente ligada às tradições caboclas e ribeirinhas. Na figura a seguir é possível verificar a localização do município.



Fonte: Blog imagens para celular, 2011. Disponível em: Mapa do Amazonas para imprimir e colorir com seus municípios. Acesso em 04/06/2026.

Ao abordar sobre Parintins, não é possível separar a cidade de sua principal manifestação cultural: o Festival Folclórico de Parintins. Este evento, que possui o reconhecimento tanto nacional quanto internacional, ocorre anualmente durante o último final de semana do mês de junho e se destaca como uma das maiores expressões culturais do Brasil. O festival é protagonizado pelos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, agremiações que competem artisticamente pelo título de campeão através de performances que misturam toada – um gênero musical especifico da região norte –, dança, alegorias, teatralidade e aspectos da cultura indígena, cabocla e quilombola da Amazônia.

O Boi Garantido, representado pelas cores vermelha e branca, além de ser reconhecido pelo símbolo do coração em sua testa, está fortemente ligado às tradições populares e histórias que exaltam a população amazônida. Em contraste, o Boi Caprichoso, apresentado nas cores azul e branca, simbolizado pela estrela na testa, se destaca pela inovação estética e pela valorização dos conhecimentos indígenas e da rica cultura da floresta. Mais do que uma disputa cultural, o embate entre os bumbás reflete sentimentos de pertencimento, identidade coletiva e apreciação do patrimônio cultural amazônico, atraindo anualmente milhares de moradores e visitantes de várias partes do Brasil e fora dele.

A importância e a magnitude do festival vão além das limitações regionais, estabelecendo o evento como um verdadeiro fenômeno cultural com influência global. Não se restringindo apenas a uma cobertura local, a propagação do festival se expande de forma vigorosa, levando a emoção do espetáculo a todas as partes do Estado e do país. Além disso, sua transmissão atinge com grande eficácia o público internacional; por meio de uma estratégica cobertura em múltiplas plataformas — que une de maneira harmoniosa a televisão convencional e diversas redes sociais —, o evento consegue ligar diferentes culturas, envolver comunidades no exterior e projetar a identidade do festival em tempo real para internautas e espectadores ao redor do mundo.

Figura 2: Imagem dos bois bumbás de Parintins: Garantido e Caprichoso.



Fonte: Festival de Parintins 2026. Disponível em: https://assets.zyrosite.com/cdn-cgi/image/format=auto,w=1200,h=630,fit=crop,f=jpeg/AoPW8rnWj8uDrNl6/capa-site-m6LZe8wrM6sKMNJ2.jpg Acesso em: 09/06/2026.

FIGURA 3: IMAGEM DA ARENA DO BUMBÓDROMO DE PARINTINS NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE 2025.



Fonte: Vanguarda do Norte. Disponível em: ttps://vanguardadonorte.com.br/cultura/festival-de-parintins-2025-registra-recorde-de-publico-com-mais-de-120-mil-visitantes/. Acesso em: 09/06/2026.

A importância do festival vai além da esfera cultural, estendendo-se para dimensões econômicas, sociais e turísticas. Durante os dias das festividades, a cidade recebe um considerável número de turistas, pesquisadores, artistas e investidores, promovendo a geração de renda, a criação de empregos temporários e o fortalecimento da economia local. Vale abordar aqui que a citada festa transcende a ideia de um simples festejo e com o passar dos anos virou um mero produto mercadológico. Simultaneamente, o festival ajuda na preservação e na promoção de saberes tradicionais, destacando o reconhecimento da Amazônia como um espaço de diversidade cultural e expressão simbólica.

O espaço do Bumbódromo de Parintins atualmente tem capacidade para cerca de 35.000 espectadores a cada noite de apresentação. Durante o Festival Folclórico, a ilha de Parintins costuma receber, em média, entre 60.000 e 100.000 visitantes, quase duplicando a população local. Esse intenso fluxo afeta de forma significativa o transporte por via fluvial e aérea: antes do festival, a circulação de barcos regulares é de aproximadamente 2 a 5 embarcações por dia, aumentando para uma média de 100 a 150 embarcações diárias (incluindo recreios, lanchas e iates) nos dias de folia; no setor aéreo, as operações regulares antes do festival são limitadas a cerca de 1 a 2 voos diários (ou semanais, dependendo da malha), enquanto durante o auge do evento o número salta para intensas 50 a 70 opera-

ções diárias (entre voos comerciais e fretados). Para aqueles que decidem voar a partir de Manaus, o tempo de viagem aéreo é de 45 a 60 minutos.

Figura 4: Mapa do Munícipio de Parintins



Fonte: MAP Linhas Aéreas. Disponível em: Parintins, o que fazer na terra do Garantido e Caprichoso. Acesso em 04/06/2026.

Apesar da visibilidade que o município ganha durante o festival, a realidade do dia a dia do munícipio revela contrastes significativos entre a área urbana e a rural. Na zona urbana estão concentrados os principais serviços públicos, comércios, instituições educacionais e serviços de saúde, criando um ambiente com melhor acesso à infraestrutura e às políticas públicas existentes no município. Contudo, persistem desafios em relação ao saneamento básico, à mobilidade urbana e à criação de empregos na vida da população parintinense.

A zona rural é composta por comunidades que vivem nas margens dos rios, grupos indígenas, quilombolas e populações que trabalham com a agroextração; todos com modos de vida intimamente ligados aos ciclos naturais e aos recursos disponíveis nos rios e florestas. Nesses lugares, o acesso a serviços como educação, saúde, comunicação e transporte costuma ser mais restrito, exigindo viagens fluviais que podem levar horas ou até mesmo dias. A variação sazonal dos rios

impacta diretamente o dia a dia das famílias, influenciando a agricultura, a pesca, o transporte e a obtenção e acesso a serviços essenciais.

Esses contrastes ressaltam as diversas realidades que coexistem dentro do mesmo município. Enquanto a cidade é reconhecida nacionalmente pela sua rica cultura e pela grandiosidade do Festival Folclórico, inúmeras comunidades rurais ainda lidam com problemas estruturais que são reflexo de desigualdades históricas na região amazônica. Para compreender Parintins, é necessário, portanto, olhar além do espetáculo dos bois-bumbás, reconhecendo a complexidade de seu território, a diversidade de seus habitantes e as relações sociais que emergem da intersecção entre tradição, cultura e as condições reais de vida da população.

Nesse cenário, Parintins se apresenta como um objeto de estudo relevante para entender as dinâmicas socioculturais da Amazônia contemporânea, revelando como identidade, território e cultura se inter-relacionam na formação de experiências coletivas que equilibram a valorização das tradições e os desafios do desenvolvimento regional.

O ambiente escolar na cidade de Parintins

Refletir sobre a realidade educacional da cidade de Parintins significa entender as características sociais, culturais e geográficas que envolvem o ambiente escolar na Amazônia. Localizada na região Norte do Brasil, Parintins exibe particularidades ligadas à sua diversidade cultural, às tradições locais e aos desafios estruturais que as instituições de ensino enfrentam, especialmente no que se refere ao acesso a tecnologias digitais e políticas educacionais que promovem a inclusão social.

Em Parintins o sistema educacional revela uma nítida segmentação geográfica entre as áreas administrativa e territorial. A rede municipal, sob a gestão da Prefeitura, é composta por aproximadamente 146 escolas, destacando-se pela sua ampla presença nas áreas interioranas, levando atendimento às comunidades ribeirinhas e de terra firme, com 119 unidades localizadas na zona rural e 27 na área urbana. Por outro lado, a rede estadual abriga 21 escolas, com a maioria de suas unidades situadas na área urbana, com foco no Ensino Médio e no Fundamental II. O suporte à zona rural é limitado a algumas comunidades polo — tais como Vila Amazônia e Mocambo do Arari — e ao auxílio do sistema de mediação tecnológica.

A análise do espaço escolar desse munícipio não pode ser feita apenas com base em visões generalizadas da educação no Brasil, pois a realidade amazônica possui características próprias que impactam os métodos de ensino e aprendizagem. Arroyo (2011) enfatiza que é crucial que a escola reconheça os sujeitos em seus contextos sociais, culturais e territoriais, valorizando suas experiências e identidades durante o processo educacional. Portanto, ao refletir sobre o ambiente escolar em Parintins, é necessário levar em conta os modos de vida na Amazônia, as interações comunitárias e as vivências culturais que são parte da realidade dos estudantes.

Além disso, o município é marcado por uma forte identidade cultural que se expressa principalmente nas manifestações populares, sendo o Festival Folclórico uma das maiores expressões culturais da Amazônia brasileira. Essa dimensão cultural influencia o cotidiano escolar de maneira significativa, pois muitos estudantes participam de práticas artísticas e culturais, que ajudam na formação de suas identidades sociais. Segundo Freire (1996), a educação deve surgir da realidade concreta dos discentes, valorizando seus conhecimentos e experiências culturais como elementos essenciais para a construção do saber.

Nesse ambiente, a escola no munícipio de Parintins torna-se um espaço de diversas aprendizagens, onde o conhecimento científico se integra aos saberes tradicionais e culturais da região amazônica. Essa interação possibilita práticas pedagógicas mais relevantes e contextualizadas, permitindo que os estudantes vejam a escola como um ambiente que valoriza e pertence às suas identidades culturais.

Entretanto, mesmo com as potencialidades culturais presentes, as instituições educacionais da região enfrentam desafios associados às desigualdades sociais e ao acesso às tecnologias digitais. Muitas áreas amazônicas sofrem com a falta de infraestrutura, conectividade à internet deficiente e recursos tecnológicos escassos, que impactam diretamente as práticas educativas. Como argumenta Castells (1999), a sociedade atual é amplamente influenciada pela lógica das redes e da informação, tornando o acesso às tecnologias um fator essencial para a participação tanto social quanto educacional.

Dessa maneira, o ambiente escolar em Parintins se depara com o desafio de inserir os estudantes na cultura digital sem ignorar as especificidades locais. A crescente presença de redes sociais, dispositivos móveis e plataformas digitais altera as modalidades de comunicação e aprendizado entre os jovens da cidade, exigindo que as escolas adotem novas estratégias pedagógicas voltadas ao desen-

volvimento do letramento digital e à educação crítica em relação aos meios de comunicação.

Sob essa ótica, a função do educador se torna crucial na intermediação entre os saberes escolares, as vivências culturais da Amazônia e as práticas digitais atuais. Segundo Moran (2013), as tecnologias digitais têm o potencial de expandir as oportunidades de aprendizagem quando associadas às realidades sociais dos estudantes a partir de que "a mediação pedagógica digital permite criar ambientes mais interativos e colaborativos.". (p. 27). Dessa forma, no cenário de Parintins, a escola deve buscar abordagens pedagógicas que integrem a cultura local, a participação dos estudantes e um uso crítico das tecnologias.

Além disso, a realidade educacional em Parintins destaca a necessidade de políticas públicas que levem em conta as especificidades da Amazônia. A construção de uma educação inclusiva e democrática não depende apenas da introdução de tecnologias, mas também da valorização das identidades culturais, do conhecimento regional e das condições sociais enfrentadas pelas comunidades locais.

Portanto, entender o ambiente escolar na cidade de Parintins é reconhecer a escola como um espaço de formação humana, cultural e social, que é profundamente moldado pelas características da Amazônia. Esse contexto é marcado por desafios estruturais, mas também por uma rica diversidade cultural e por oportunidades educacionais que podem facilitar a criação de práticas pedagógicas mais críticas, contextualizadas e transformadoras.

Inclusão digital no contexto de Parintins - Amazonas

A discussão sobre a inclusão digital se tornou essencial na sociedade atual, especialmente em face do progresso das tecnologias e da crescente influência das redes digitais nos processos de comunicação, aprendizado e engajamento social. No âmbito educacional, a inclusão digital vai além da simples questão do acesso às tecnologias, englobando também a capacidade de entender, interpretar, utilizar e criar informações de forma crítica e consciente em ambientes digitais.

Quando essa abordagem é trazida para o contexto amazônico, especificamente na cidade de Parintins, a questão da inclusão digital assume novas camadas de complexidade devido às desigualdades sociais, aos desafios relacionados à infraestrutura tecnológica e às características culturais locais. Portanto, ao con-

siderar a inclusão digital em Parintins, é necessário não apenas avaliar o acesso a dispositivos e internet, mas também as condições sociais e educacionais que favorecem o desenvolvimento do letramento digital entre estudantes e educadores.

Assim, o letramento digital pode ser definido como a habilidade de entender, usar e gerar informações em contextos digitais, combinando competências técnicas, cognitivas e críticas. De acordo com Soares (2002), o conceito de letramento está ligado às práticas sociais de leitura e escrita que ocorrem em diversas culturas. Dentro dessa perspectiva, o letramento digital não se limita ao domínio prático das tecnologias, mas abrange a participação crítica nas práticas comunicativas mediadas pelo digital.

Essa análise é expandida por Rojo (2012), que discute a abordagem dos multiletramentos como uma resposta às exigências da sociedade contemporânea. A autora destaca que "o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes da multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.". (p. 12). Partindo desse suposto, podemos destacar que os sujeitos estão sempre imersos em uma variedade de linguagens e modos de comunicação, o que demanda práticas educativas que levem em conta a diversidade cultural, midiática e tecnológica que permeia a sociedade. Assim, o letramento digital é entendido de forma mais abrangente, onde texto, imagem, som, vídeo e interatividade se combinam na construção de significados.

A proposta do New London Group (1996) reforça essa visão ao afirmar que a educação deve se adaptar às mudanças culturais e tecnológicas do mundo atual. Para o grupo, os multiletramentos oferecem uma oportunidade de preparar as pessoas para atuarem em contextos sociais marcados pela globalização, convergência de mídias e diversidade cultural. Nesse cenário, o letramento digital deve ser visto como um processo dinâmico, contínuo e em evolução, acompanhando as transformações nas práticas comunicativas da sociedade digital.

Ao explorar o papel das tecnologias na sociedade atual, também é relevante considerar a contribuição de Lévy (1999), especialmente por meio do conceito de cibercultura. Segundo o autor, o ciberespaço é "um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.". (p. 92). A partir do conceito do autor, podemos inferir que se configura como um ambiente que permite a construção coletiva do conhecimento,

possibilitando que as pessoas interajam, compartilhem informações e produzam saberes de maneira colaborativa. A noção de inteligência coletiva proposta pelo autor destaca uma nova dinâmica nas relações entre conhecimento e poder, uma vez que a geração de informações deixa de ser centralizada em instituições específicas e passa a circular por meio de redes digitais cada vez mais amplas.

Entretanto, a participação ativa nos ambientes digitais não acontece de forma automática. Ter acesso às tecnologias, por si só, não assegura inclusão digital completa, especialmente em áreas que enfrentam desigualdades estruturais e restrições no acesso à internet, como é o caso de vários contextos amazônicos. Em Parintins, por exemplo, muitos estudantes enfrentam desafios relacionados à conectividade, à disponibilidade limitada de recursos tecnológicos e às disparidades socioeconômicas que impactam diretamente as oportunidades de aprendizado digital.

Sob essa ótica, o letramento digital se torna vital para que as pessoas consigam se envolver de maneira crítica com a cultura digital. Como defende Freire (1996), a educação deve auxiliar na formação de pessoas aptas a entender de forma crítica a realidade em que estão inseridos. Quando aplicado ao cenário digital, isso significa cultivar competências que permitam aos estudantes não apenas buscar informações, mas também avaliar sua veracidade, compreender suas intenções, reconhecer processos de utilização e criar conteúdo para as redes sociais de maneira ética e consciente.

Além disso, a escola desempenha um papel crucial no processo da inclusão digital em Parintins, particularmente ao levar em conta as particularidades culturais e sociais da região amazônica. O ambiente escolar se torna um espaço estratégico para o desenvolvimento de práticas educacionais que incorporem as tecnologias digitais de modo crítico, democrático e contextualizado, valorizando as vivências dos estudantes e suas formas de interagir com as mídias digitais.

Portanto, abordar a inclusão digital no contexto de Parintins envolve reconhecer que o acesso às tecnologias deve ser acompanhado pela formação crítica e pelo desenvolvimento do letramento digital. Trata-se de entender a inclusão digital como um processo social, educativo, cultural e necessário que possibilite que os sujeitos sociais participem ativamente da sociedade contemporânea, potencializando a cidadania, a autonomia e a construção coletiva do conhecimento.

Ao considerar a educação dos estudantes na atualidade, é claro que o letramento digital influencia significativamente diferentes aspectos do desenvolvimento humano e educacional. Mais do que apenas ensinar a utilização de ferra-

mentas tecnológicas, este processo favorece a formação de sujeitos autônomos, críticos e que conseguem atuar de maneira consciente em uma sociedade cada vez mais permeada por tecnologias digitais. Assim, o discente não mais se limita a ser um receptor passivo de informações, mas assume um papel ativo na criação, análise e disseminação de conhecimentos, adquirindo habilidades essenciais para suas vidas acadêmicas, profissionais e sociais.

Os efeitos dessa educação são visíveis no fortalecimento do pensamento crítico, na ampliação das habilidades de resolução de problemas e no aprimoramento das competências comunicativas e colaborativas. Segundo Freire (1996), a educação deve permitir que os sujeitos façam uma leitura crítica do mundo, favorecendo a autonomia e a consciência social. Dentro dessa perspectiva, o letramento digital amplia as oportunidades de interpretação e leitura da realidade, possibilitando que compreendam de maneira crítica as informações que circulam nos meios digitais e adotem uma postura mais reflexiva em relação aos conteúdos que consomem e produzem.

Refletir sobre essa educação também implica reconhecer que o letramento digital não acontece de forma espontânea. Como ressalta Soares (2002), o letramento deve ser visto como uma prática social que vai além do domínio técnico da leitura e escrita, englobando a participação das pessoas em diversos contextos culturais. De maneira análoga, o letramento digital requer que os estudantes desenvolvam competências voltadas para a interpretação, avaliação e produção de informações em ambientes tecnológicos, capacitando-os a utilizar os recursos digitais de forma crítica e significativa.

Nesse cenário, a escola desempenha um papel crucial na implementação de práticas pedagógicas que integrem as tecnologias no processo de ensino e aprendizado. De acordo com Kenski (2012), as tecnologias digitais alteram a maneira de produzir conhecimento, exigindo novas metodologias e novas dinâmicas entre professores, estudantes e saberes. Portanto, à instituição escolar cabe a tarefa de criar oportunidades para que os estudantes não apenas aprendam a manejar ferramentas digitais, mas também reflitam sobre seus impactos sociais, culturais e éticos.

Adicionalmente, a formação em letramento digital está diretamente relacionada ao exercício da cidadania. Buckingham (2010) afirma que a educação para as mídias e o ambiente digital deve capacitar os sujeitos a compreender criticamente os meios de comunicação, participando ativamente e de maneira responsável da vida social. Assim, o letramento digital promove a participação

democrática, ajuda a combater a desinformação e incentiva o desenvolvimento de uma cultura digital fundamentada na ética, responsabilidade e respeito à diversidade.

Portanto, a educação dos estudantes através do letramento digital é um componente essencial para a formação contemporânea. Ao cultivar competências técnicas, cognitivas, sociais e críticas, os educandos se tornam mais aptos a enfrentar os desafios da sociedade da informação, exercendo sua cidadania de forma consciente e participativa. Essa formação, assim, ultrapassa as fronteiras da escola e contribui para a construção de uma sociedade mais democrática, inclusiva e socialmente responsável.

Ferramentas comunicacionais: mediações, linguagens e dinâmicas sociotécnicas na educação

As mudanças geradas pela cultura digital impactaram de maneira profunda as maneiras de comunicação, interação e criação de conhecimento na sociedade moderna. Na esfera educacional, tais transformações revelam a importância de entender as ferramentas de comunicação não apenas como tecnologias empregadas em sala de aula, mas como elementos sociotécnicos que afetam metodologias pedagógicas, dinâmicas sociais e processos de aprendizagem. No ambiente da cidade de Parintins, essa temática se torna ainda mais crucial, levando em conta as particularidades culturais, sociais e estruturais que permeiam a realidade na Amazônia.

Dentre as principais ferramentas de comunicação que estão presentes na rotina escolar atual, destacam-se as redes sociais digitais como Instagram, Facebook, TikTok e WhatsApp, além de plataformas educacionais, vídeos online, podcasts, fóruns virtuais e ambientes de aprendizado digital. Em Parintins, essas ferramentas desempenham um papel significativo nas interações entre jovens e adolescentes, especialmente porque muitos estudantes utilizam dispositivos móveis como uma forma principal de acessar informações, entretenimento e comunicação social.

Entretanto, a presença dessas tecnologias no dia a dia escolar de Parintins também revela desafios relacionados à infraestrutura tecnológica e às desigualdades digitais que existem na região amazônica. Em diversos contextos educacionais do município, o acesso à internet é dificultado, há limitações em equipa-

mentos tecnológicos e instabilidades na conectividade, o que afeta diretamente a integração das ferramentas digitais nas metodologias de ensino. Portanto, discutir sobre as ferramentas de comunicação em Parintins exige uma compreensão tanto de suas potencialidades quanto dos desafios que permeiam a inclusão digital na realidade local.

Nesse aspecto, Martín-Barbero (2014) oferece contribuições significativas, argumentando que a comunicação deve ser observada através das mediações culturais que guiam os processos sociais. De acordo com o autor, as tecnologias não determinam, de forma automática, as maneiras de comunicação; são, na verdade, os contextos culturais, sociais e históricos que moldam como as pessoas utilizam as ferramentas comunicacionais. Aplicando essa visão à realidade de Parintins, fica claro que o uso das tecnologias digitais por parte dos estudantes está intimamente ligado às vivências culturais amazônicas, às práticas dos jovens e às formas de interação social presentes na localidade.

Assim, a mera introdução de tecnologias dentro do ambiente escolar não assegura a inovação pedagógica. Em várias situações, as ferramentas digitais podem simplesmente reproduzir métodos tradicionais de ensino, mantendo abordagens que focam na transmissão de conteúdos. O desafio da educação em Parintins, portanto, vai além do acesso às tecnologias, envolvendo a necessidade de desenvolver metodologias pedagógicas que conferem um sentido crítico e participativo ao uso dessas ferramentas.

As ideias de Moran (2015) tornam-se especialmente relevantes nesse contexto. Segundo o autor, as tecnologias digitais expandem as oportunidades de ensino e aprendizado quando estão aliadas a metodologias ativas que promovem interação, colaboração e protagonismo de estudantes. No cenário escolar de Parintins, isso implica utilizar as ferramentas de comunicação não apenas como suporte técnico, mas como instrumentos que podem incentivar práticas educativas mais dinâmicas, relevantes e participativas.

Da mesma maneira, Kenski (2012) aponta que as tecnologias digitais não só mudam os recursos educacionais, mas também alteram as maneiras de organizar o ensino, os horários escolares e as interações pedagógicas. Em Parintins, essa mudança demanda que os educadores adquiram novas habilidades relacionadas ao uso crítico das tecnologias e à condução da aprendizagem em ambientes digitais que se tornaram cada vez mais comuns na vida dos estudantes.

Ao enxergar as ferramentas de comunicação como áreas de linguagem e interação social, é fundamental conversar sobre as contribuições de Bakhtin

(2003). O autor argumenta que a linguagem é um fenômeno essencialmente dialógico, onde significados são gerados através das interações sociais entre diversas vozes. Dentro dessa visão, as redes sociais e os meios digitais que os estudantes de Parintins utilizam podem ser vistos como espaços de troca de discursos, formação de identidades e criação coletiva de significados.

Essa percepção revela que as ferramentas de comunicação vão além da mera transmissão de informações. Elas criam ambientes de interação cultural onde os estudantes podem expressar suas opiniões, compartilhar vivências e construir conhecimentos de forma colaborativa. No entanto, diversas práticas escolares ainda seguem modelos de comunicação em que o estudante se encontra em uma posição passiva no processo educativo.

Diante desse contexto, é vital entender o conceito de dinâmicas sociotécnicas. Estas dinâmicas referem-se às relações entre tecnologia e sociedade, mostrando que os recursos tecnológicos são desenvolvidos em contextos sociais, culturais, econômicos e políticos específicos. Isso indica que as tecnologias não são isentas de viés, pois incorporam valores, interesses e estruturas sociais que afetam suas operações e usos.

No âmbito de Parintins, essa discussão torna-se significativa devido ao aumento da presença das redes sociais digitais na vida dos jovens. Um grande número de estudantes recorre a plataformas digitais como seus principais locais para interação, socialização e busca de informações, o que torna imperativo discutir criticamente temas ligados à desinformação, privacidade, algoritmos e a circulação de conteúdos digitais. Segundo Morozov (2018), as tecnologias digitais fazem parte de contextos econômicos e políticos que impactam diretamente as formas de acesso à informação e às dinâmicas sociais.

Ademais, a cultura digital atual se caracteriza pela multimodalidade das linguagens, combinando texto, imagem, áudio, vídeo e elementos interativos na construção de significados. De acordo com Rojo (2012), a sociedade contemporânea requer o desenvolvimento de multiletramentos, ou seja, a habilidade de compreender e criar significados em diferentes linguagens e contextos de comunicação.

No ambiente escolar em Parintins, essa diversidade de linguagens pode promover práticas pedagógicas mais inclusivas e relevantes, especialmente quando conectadas às experiências culturais amazônicas e vivências digitais dos estudantes. As ferramentas de comunicação podem ajudar a diversificar as formas

de expressão, participação e aprendizagem, desde que sejam usadas de maneira crítica e integradas às metodologias educacionais.

Outro ponto importante diz respeito à criação de redes de aprendizado mediadas por ferramentas digitais. Essas redes aumentam as oportunidades de troca de saberes além das barreiras físicas da instituição escolar, possibilitando que estudantes e educadores formem vínculos com variados contextos sociais e culturais. No entanto, o aumento das oportunidades de comunicação também ressalta a urgência de cultivar o letramento digital, principalmente no que se refere à reflexão crítica sobre as informações acessíveis na esfera online.

Diante o exposto, a função do educador se torna ainda mais crucial no ambiente escolar de Parintins. O professor assume o papel de mediador das aprendizagens, guiando os estudantes na elaboração crítica do conhecimento, na análise das informações e na aplicação ética das tecnologias digitais. Essa função se revela essencial em uma realidade caracterizada por rápidas mudanças na comunicação e pela crescente influência das mídias digitais na vida diária dos jovens.

Nesse contexto, entender as ferramentas comunicacionais como mediações, linguagens e dinâmicas sociotécnicas possibilita uma reflexão mais ampla sobre o papel das tecnologias na educação atual e, especificamente, no contexto de Parintins. Essa abordagem destaca que a utilização das tecnologias digitais deve ser pautada por práticas pedagógicas críticas, participativas e ajustadas ao contexto, que possam ajudar na formação de sujeitos autônomos, conscientes e socialmente envolvidos na realidade amazônica.

O educomunicador como mediador: práticas, desafios e potencialidades na educação contemporânea em contexto amazônico

A figura do educomunicador emerge como um componente crucial no atual panorama educacional, particularmente frente às mudanças tecnológicas, culturais e comunicativas que modificam as maneiras de ensinar, aprender e interagir na era digital. No entanto, a relevância desse papel se intensifica quando analisada em contextos específicos, como o da cidade de Parintins, situada na região amazônica e caracterizada por uma rica diversidade cultural, além de desafios estruturais e dinâmicas socioterritoriais singulares. Assim, para entender a função do educomunicador em Parintins, é necessário entender que os processos

educativos se desenrolam imersos em diversas influências culturais, sociais e tecnológicas que impactam o cotidiano dos estudantes e das instituições de ensino.

O conceito de educomunicação, conforme articulado por Soares (2011a), incentiva a criação de ecossistemas comunicativos que sejam democráticos, participativos e dialógicos dentro dos ambientes educativos. Nas regiões amazônicas, como Parintins, essa abordagem se torna especialmente pertinente, visto que a diversidade cultural local requer práticas educativas que respeitem e valorizem as diferentes formas de expressão, os conhecimentos tradicionais e as vivências socioculturais da comunidade. Assim, o educomunicador vai além de ser apenas um mediador técnico do uso das tecnologias; ele também é um facilitador de diálogos entre culturas, linguagens e experiências sociais diversas.

No contexto de Parintins, que é fortemente influenciado por manifestações culturais populares, em especial durante o Festival Folclórico de Parintins, a comunicação e a expressão simbólica desempenham um papel essencial na formação das identidades sociais e principalmente locais. As narrativas, os elementos visuais, as composições musicais, as atuações e os símbolos culturais presentes no dia a dia da cidade afetam diretamente as maneiras de comunicação e interação dos estudantes. Neste ambiente, o educomunicador pode servir de ligação entre as tradições culturais amazônicas e as linguagens digitais modernas, promovendo abordagens pedagógicas que valorizem a cultura local e fortaleçam o sentimento de pertencimento à realidade amazônica.

As ideias de Freire (1996) se conectam a essa visão ao advogar por uma educação que se baseie no diálogo, na valorização das experiências dos sujeitos e na construção coletiva do conhecimento. Para Freire, o processo de aprendizagem deve emergir da realidade concreta dos estudantes, reconhecendo seus saberes e experiências como fundamentais para o aprendizado. Em Parintins, essa visão se torna crucial, pois possibilita o desenvolvimento de práticas educomunicativas que estejam conectadas ao cotidiano amazônico, às experiências culturais locais e às dinâmicas de sociabilidade existentes na região.

Dessa forma, a mediação que o educomunicador realiza adquire uma dimensão cultural, social e política, especialmente ao contribuir para o reconhecimento das identidades amazônicas e para a formação de uma educação contextualizada. Em Parintins, a integração entre saberes ancestrais e tecnologias digitais representa ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade. O educomunicador deve elaborar estratégias que unam as linguagens digitais às vivências

culturais dos estudantes, evitando a reprodução de modelos educativos que não considerem a realidade local.

Esta reflexão se aproxima das contribuições de Kaplún (1998), que salienta a relevância da comunicação participativa nos processos de ensino. Segundo o autor, educar envolve a criação de ambientes que favoreçam o diálogo, a participação e a expressão coletiva. No município de Parintins, onde muitas das práticas culturais estão intimamente ligadas à oralidade, à coletividade e às expressões simbólicas, a educomunicação pode fortalecer métodos de aprendizado que priorizam a participação ativa dos estudantes. Dessa forma, o educomunicador funciona como um mediador em práticas comunicativas que valorizam os estudantes como geradores de cultura, saber e significados.

Ao considerar o progresso das tecnologias digitais em Parintins, é fundamental reconhecer que esse processo se dá de maneira desigual. Apesar do aumento significativo no uso de dispositivos móveis e das redes sociais entre os jovens da cidade, existem ainda desafios em relação à conectividade, à infraestrutura tecnológica e ao acesso à internet, principalmente em algumas condições escolares e em áreas periféricas. Nesse contexto, o educomunicador exerce uma função vital na promoção do letramento digital e na mediação crítica do uso das tecnologias.

Como aponta Soares (2011b), a educomunicação deve incentivar práticas educativas que possibilitem aos sujeitos a utilização das tecnologias de forma crítica, ética, responsável e participativa. No munícipio em questão, essa atuação se torna especialmente relevante devido à crescente presença das redes sociais digitais na vida dos estudantes. Plataformas como Instagram, TikTok, Facebook e WhatsApp estabeleceram-se como espaços importantes para comunicação, entretenimento e construção das identidades juvenis.

Neste panorama, a atuação do educomunicador vai além do ensino de habilidades técnicas relacionadas ao uso das tecnologias. Seu trabalho também se concentra na formação crítica dos estudantes, estimulando reflexões sobre a circulação de informações, ética digital, exposição nas redes sociais, *cyberbullying*, desinformação e produção consciente de conteúdos digitais. Em uma realidade marcada pela presença intensa das mídias digitais, é essencial orientar os estudantes para que compreendam criticamente os efeitos sociais e culturais das tecnologias em suas vidas.

Além disso, o educomunicador no contexto parintinense pode enfrentar o desafio de mediar as tensões entre o global e o local, entre o empírico e o conhe-

cimento. As tecnologias digitais oferecem acesso aos conteúdos globalizados e tendências culturais internacionais, mas também podem levar ao esquecimento das culturas locais se utilizadas sem uma reflexão crítica e orientação adequada. Assim, a educomunicação no contexto amazônico deve promover práticas que apreciem o saber regional, as manifestações culturais parintinenses e as formas locais de comunicação, integrando tradição e inovação tecnológica.

Outro ponto importante diz respeito à formação das identidades juvenis nos ambientes digitais. Muitos jovens de Parintins utilizam as redes sociais como locais de expressão pessoal, interação social e busca por reconhecimento. Nesse cenário, o educomunicador pode atuar como mediador de diálogos sobre identidade, pertencimento, cultura digital e ética nas relações presencial e *online*, colaborando para o desenvolvimento de práticas comunicativas mais conscientes e responsáveis.

Entretanto, a prática educomunicativa em Parintins pode enfrentar também desafios relevantes. A carência de uma infraestrutura tecnológica apropriada em várias escolas, as restrições no acesso à internet, a insuficiência de recursos digitais e a ausência de capacitação específica para os educadores dificultam a execução de práticas educomunicativas mais abrangentes. Ademais, as desigualdades sociais no cenário amazônico influenciam diretamente as oportunidades de acesso e a apropriação crítica das tecnologias digitais por parte dos estudantes.

Apesar das adversidades em relação ao contexto geográfico, Parintins possui significativas potencialidades para impulsionar a educomunicação. A riqueza cultural da cidade cria oportunidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que aliem tradição e tecnologias digitais, possibilitando iniciativas educacionais que valorizem as identidades amazônicas. A utilização de mídias digitais para documentar expressões culturais, compartilhar conhecimentos regionais e elaborar conteúdos sobre a realidade local pode fortalecer tanto o letramento digital quanto a apreciação da cultura regional.

Assim, o educomunicador pode atuar como um agente de mudança social no cenário local, promovendo um modelo educacional que vai além da mera transmissão de informações e favorece a formação de pessoas críticas, conscientes e engajadas. Seu trabalho propicia a criação de ambientes educativos mais democráticos, onde a comunicação é vista como um direito, uma prática social e uma ferramenta para a participação cidadã.

Portanto, ao considerar o papel do educomunicador em Parintins, é importante reconhecer a complexidade das interações entre educação, comunicação,

cultura e tecnologia no ambiente amazônico. Essa função requer uma sensibilidade para entender as particularidades locais, a habilidade de atuar criticamente com as tecnologias e o compromisso com uma educação que seja contextualizada, inclusiva e socialmente significativa.

Considerações Finais

As abordagens realizadas ao longo deste estudo mostraram que o letramento digital, os canais de comunicação e o papel do educador comunicador estão interligados na educação atual. A análise revelou que essas dimensões interagem na criação de práticas pedagógicas que são críticas e relevantes, especialmente devido à cultura digital. O letramento digital envolve não apenas o domínio técnico, mas também habilidades analíticas na interpretação e compartilhamento de informações.

O estudo também destacou como as plataformas digitais e os algoritmos afetam a disseminação de informações, criando "bolhas informacionais" que limitam a diversidade de conteúdo. Além disso, as discussões apontaram que a introdução de tecnologias nas escolas não garante inovação pedagógica, pois o impacto educacional depende das metodologias utilizadas e como são utilizadas.

Além das questões referentes à infraestrutura tecnológica, à conectividade e à capacitação dos educadores, esta investigação destaca as oportunidades que o letramento digital apresenta como um meio de fortalecer a cidadania, a autonomia e a participação social dos estudantes. No cenário amazônico de Parintins, as tecnologias digitais podem auxiliar na valorização das identidades culturais regionais, expandir os espaços de expressão e diálogo, e fomentar a construção de conhecimento de maneira colaborativa.

Nesse aspecto, quando integrado às práticas educomunicativas e a metodologias adaptadas ao contexto, o letramento digital se revela uma alternativa viável para a formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente engajados, capacitados para agir de maneira ética e consciente nos diversos âmbitos da cultura digital. É essencial considerar, em Parintins-Am, as especificidades culturais e sociais, evidenciando a necessidade de práticas educativas mais inclusivas. A formação contínua para educadores é urgente, pois a função do professor segue se redefinindo.

O educomunicador ao desempenhar seu papel na realidade amazônica de Parintins, ajuda a fortalecer práticas educativas que valorizam a diversidade cultural, incentivam o letramento digital e ampliam a participação dos estudantes nos processos de construção do conhecimento. Sua atuação se torna crucial para o desenvolvimento de uma educação que seja capaz de dialogar com a realidade local e enfrentar os desafios atuais por meio da articulação entre cultura tradicional, inovação tecnológica e transformação social.

RECEBIDO em 14/04/2026
APROVADO em 30/06/2026

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, educação midiática e aprendizagem contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. Campinas: Papirus, 2013.

_____. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Campinas: Papirus, 2015.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NEW LONDON GROUP. **A pedagogy of multiliteracies**: designing social futures. Harvard Educational Review, v. 66, n. 1, p. 60–92, 1996.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e educação midiática**: caminhos da cidadania. São Paulo: Paulinas, 2011a.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011b.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.